

UM ANO ESTRANHAMENTE CAMILIANO!



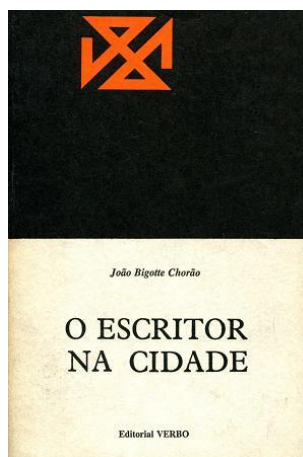
A lembrança do dia

O mestre camilianista dos mestres, ainda entre nós, na conferência que proferiu no “Colóquio Internacional Amor de Perdição: olhares cruzados”, com a conferência que proferiu no dia 17 de Novembro, com o título “Do Culto Camiliano: as leituras de Camilo”, separou, nas suas palavras, “o trigo do joio”. Falo, indiscutivelmente, de Bigotte Chorão, que distinguiu uma hermenêutica biográfica da geração de 1925, relativamente à geração de 1990, com uma hermenêutica mais exigente, centrada na interpretação textual da obra de Camilo, esta iniciada nos anos 40, com o “Penitente” de Teixeira de Pascoaes. Das “Leituras”, falta a “exegese crítica” de Bigotte Chorão, imprescindíveis para uma compreensão da interioridade textual de Camilo. Ao lermos Camilo com Pascoaes, Jacinto do Prado Coelho, José Régio, Aquilino Ribeiro, Manuel Simões, Alexandre Cabral ou Aníbal Pinto de Castro, junto os livros de Bigotte Chorão, que também devem estar ao lado dos de Camilo. Referencio as “Páginas Camilianas e outros temas oitocentistas” (1990), “Camilo: a obra e o homem” (1979) e “O Escritor na Cidade” (1986), o qual contém “Camilo, Personagem de Drama”, “Camilo e a Tradição Narrativa Camiliana” e “Um Prosador Solar”, uma viagem de Aquilino com Camilo; e, indiscutivelmente, o seu essencial sobre Camilo (possivelmente emprestei e já não o tenho!)

Ter ouvido e ter revisto o mestre, que já vem desde 1990, ano do centenário de falecimento de Camilo, nas suas palavras, no “santuário camiliano de Seide”, registo não só o resumo da conferência de Bigotte Chorão, como igualmente a lembrança do dia e as capas titulares de Bigotte Chorão que viajam pela camiliana cá de casa, sempre prontos a serem lidos, assim como igualmente uma passagem fotográfica do momento.

PALAVRAS-CHAVES

Centenário Nascimento 1925. Culto Camiliano. Cristianismo. Teixeira de Pascoaes “O Penitente”. Deus Pessoal. Jacinto do Prado Coelho. José Régio. Epistolografia. Desconstrução



O livro com lembrança

Estranhamente, vivemos um ano camiliano! Têm sido muitas e variadas e ricas as intervenções, as publicações, designadamente a epistelografia que se julgava perdida e que foi milagrosamente encontrada no Brasil, as cartas ao Visconde de Ouguela.

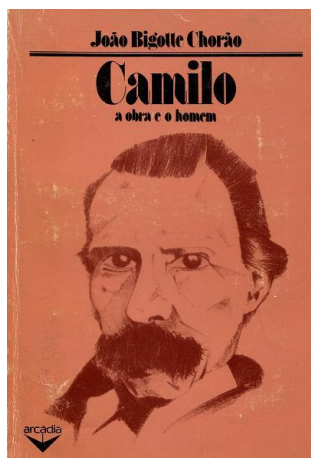
Recebi de mão amiga, um pequeno volume encadernado, com o nome de “Camilo”, com o nome gravado na lombada, que data de 1914, 1915. Ao folheá-lo, vi que se tratava de recortes de jornais, colados em folha de papel encorpado. Deve-se este álbum de recortes ao paciente trabalho do camilianista Tavares de Carvalho, autor de “A Minha casa de Camilo” (1924) e de “Factos e Documentos Referentes ao Culto Camiliano” (1925). Agora na minha posse, escrevia-se, pois, nesse “culto” que visava criar uma associação dita de “interesse patriótico” para homenagear Camilo e angariar fundos para um monumento a erigir em Lisboa, no ano do centenário de nascimento do escritor, 1925. Aderiram a essa associação personalidades conhecidas: lá aparecia, entre os primeiros associados, António Cabral, com o “Camilo de perfil” e o “Camilo Desconhecido”, que prosseguia com a biografia camiliana iniciada por Alberto Pimentel, que ainda conheceu o autor do “Amor de Perdição, e dele colheu, assim como de contemporâneos seus, em primeira mão, informações para a biografia “O Romance do Romancista”. Essa biografias, num trabalho pioneiro, evidenciam mais Camilo pelos factos e pelas datas. A associação em si encontrou bons propósitos, encontrando, porém, dificuldades financeiras e outras, no seio do mesmo “culto” ou da mesma “seita”. Houve discordâncias irreduzíveis, e mesmo textos chocarreiros, desencontros, comprometendo a vida da associação, que se terá dissolvido, sem conseguir levar a bom termo o projecto do monumento a Camilo. Num livrinho do jornalista e camilianista Oldemiro César (“Camilo para a História dum Monumento”, 1942), encontram-se as peças deste processo. Ilustrou as palavras amargas do texto, as maquetes de Teixeira Lopes, Júlio Vaz Júnior e Anjos Teixeira. Não faltaram projectos, alguns deles ambiciosos pela dimensão e carga simbólica, que distraiu o espectador ou o transeunte na figura solitária do escritor.

*À O. Almeida Correia, minha recordação
com carinho e a sua obra, como um grande
a braga de*
João Benício Chaves
S. Miguel de Beirós, 17.11.2012

O ESCRITOR NA CIDADE

Mais tarde, só nos anos 40, é que se optou por uma estátua de grande força expressiva, graças ao engenho e arte do escultor António Duarte. Ali está Camilo de pé, e vivo, olhos constantes e impunes, de punho cerrado, como quem se prepara para atacar ou defender. Ali perto, o dominador e despótico, o retórico monumental a Pombal, o político que Camilo destroncou, desafinando o coro unânime dos panegiristas. Não só de adversários tinha Camilo de se defender, mas também de admiradores levianos. Voltámos ao “culto” camiliano, que acendeu muitas velas e promoveu muitos livros perfeitamente desnecessários, directa ou indirectamente ligados a Camilo. Em tudo e por tudo se impõe uma opção, para que o melhor e o pior do seu estudo se impõe, como uma espécie de bric-à-brac literário, cuja bibliografia activa e passiva atinge números desmedidos, impõe-se separar o trigo do joio. A biografia e o estudo da obra de Camilo começara mal, por uma apressada retórica e infeliz apologia de Vieira de Castro (1871). O que se anunciava como a vida e a obra de Camilo, transformou-se na voz do tribuno numa alegação [propriamente sua], pois Camilo tinha entretanto sido constituído arguido num processo de adultério; e tivemos que esperar por Alberto Pimentel e a sua admiração sem fanatismos, assim como pelo livro sem brio do infólio “In Memoriam” de Camilo, no âmbito das comemorações do centenário de 1925, desigual na colaboração, estimável iconográfica e bibliograficamente. Ao lado de textos de bom sentido crítico, outros parecem escritos com grande desprezo, outros exclamativos, onde deparámos a cada passo com o torturado e o solitário de Seide, o grande amoroso, o grande morto (tudo em maiúsculas!), o colosso, o homem do norte e por adiante. O “culto” camiliano ocupa demasiado espaço em [desamor] pela exegese crítica, sendo nos anos 40 que aparecem livros mais pessoais e mais fundamentais sobre o homem e a obra: “O Penitente” (1942), de Teixeira de Pascoaes, “Introdução ao Estudo da Novela Camiliana” (1946) de Jacinto do Prado Coelho. O génio visionário de Pascoaes sondou como ninguém o mistério da alma de Camilo. Indiferente a um cristianismo cósmico, Camilo tinha a consciência do pecado e da queda, para a redenção do remorso. O seu Deus era um Deus pessoal, o Deus de Abrão, de Issac e de Jacob, não o dos filósofos e dos sábios. O cristianismo de Camilo é sempre problemático, oscilando entre a crença assumida, o cepticismo desenganado e o desespero que leva até

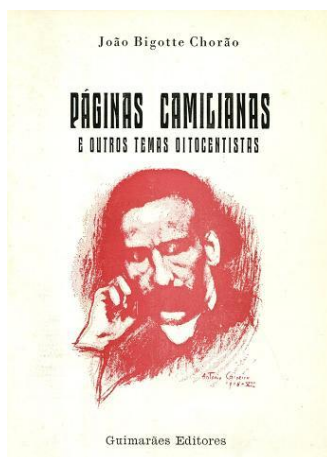
à blasfêmia. A dor de Camilo provou em alto grau que se pode purificar em passos que justificam a revolta, essa expressão de desespero. Pascoaes não teria encontrado senão tivesse procurado o que Camilo escreveu, temendo e tremendo: “Se Deis não existe, a crença dos homens fará tremer o nada. Contudo, certamente de memória, Pascoaes terá dado a sua versão que Jacinto do Prado Coelho detecta em “O Filho Natural”, uma das “Novelas do Minho”, e cito: “As lágrimas e a fé, se Deus não existisse, fariam comover o nada.” Outro perturbante pensamento camiliano é aquele que Pascoaes transcreve assim: “O coração é o maior tesouro do céu e da terra, o supremo poder de Deus, e se o coração pudesse, entrar no inferno, o inferno seria aniquilado.” Eis o que Pascoaes chama a teologia de Camilo. Pascoaes lê no fundo os textos e as almas e glosa vertiginosamente as intuições geniais de Camilo.



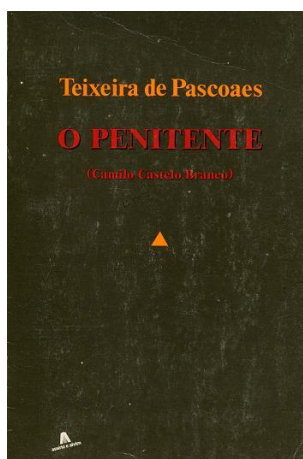
Quem procurou abarcar a temática religiosa em Camilo, foi o estudioso inglês David Frier, que a partir do pícaro hispânico, chegou ao pícaro camiliano. No ensaio “As Transfigurações do Eu” (2005), nesse seu estudo descreve um melindroso problema: “O uso frequente da terminologia religiosa, tanto na ficção como na correspondência, torna claro que a busca religiosa era de uma importância capital para Camilo, ele e as suas personagens, para as quais o ficcionista transpunha o seu ego. Eram as vítimas de um destino fatal em que expiavam a sua culpa.” O camoniano desconcerto do mundo, vamos encontra-lo em Camilo, quando vemos os melhores perseguidos por sorte e afortunados os biltres, não pode deixar de escandalizar pelo espectáculo da injustiça, o divórcio do criador e das criaturas entregues à sua sorte. Espera então que uma justiça não humana repunha (Onde? Quando?) uma outra ordem do caos.

Jacinto do Prado Coelho não pôs ponto final à exigência de Camilo com a clássica tese universitária: reuniu textos dispersos no volume “A problemática da História Literária”, voltando de novo a Camilo pela “Obra Selecta” (Rio de Janeiro, 1960), escrevendo a excelente introdução “Raízes e Sentido da Obra Camiliana”, uma visita guiada ao labirinto do universo do escritor. De assinalar ainda, a direcção das obras de Camilo publicadas pela Parceria António Maria Pereira, cerca de 80 volumes, tendo cada volume uma nota preliminar com grandes nomes de nomeada, caso de José Régio, Vitorino Nemésio, Alexandre Cabral, Ester de Lemos, entre outros.

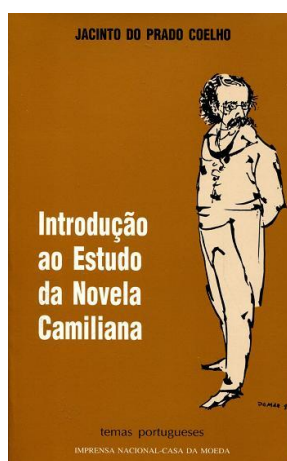
Quaisquer que sejam as reservas levantadas ao Pascoaes biógrafo, e particularmente ao seu “Penitente”, Jacinto do Prado Coelho não as omite, na verdade é que nela admiramos o rosto que escapa à objectiva do fotógrafo mais experimentado. Alberto Pimentel acompanha a par e passo a vida e o romance de Camilo; o polígrafo Aquilino escreve também o seu romance de Camilo, estribado na sua fecúndia de ficcionista, nada que não lembre o monólogo de Pascoaes, que tem o dom de solilóquio com o fantasma e a sombra de Camilo.



Não podemos passar em claro o ensaio de José Régio “Camilo, o Romancista Português”, em primeira versão publicada na “Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX”, sob a direcção de João Gaspar Simões. Nenhuma nota de rodapé nesse extenso texto, nenhum aparato erudito, é todo ele uma reflexão pessoal sobre o escritor que leu e releu ao longo da vida, não só nas suas obras maiores, mas também naquelas menos conhecidas, ou menos valorizadas. Grande criador literário, Régio sublinha que vasta é a bibliografia sobre Camilo, diminuta é aquela que verdadeiramente considera “a sua obra como obra de arte”. Dessa bibliografia cita Alberto Pimentel, António Cabral, Paulo Osório, Pascoaes e A. do Prado Coelho, de quem o filho Jacinto herdaria o gosto e o saber camiliano.



Por mais subtis que sejam as interpretações, elas não dispensam, antes impõem o conhecimento dos textos de Camilo. Contudo, citando Borges, não precisamos de ler grandes textos, temos de ler os textos dos grandes criadores literários, lê-los em primeira mão; e convido à leitura dos escritores da chamada família camiliana, tais como o fecundo Aquilino Ribeiro, o elegíaco e o satírico Tomás de Figueiredo, o límpido prosador duriense João de Araújo Correia, a sibilina Agustina Bessa-Luís, que aprofunda e universaliza o mundo geográfico e anímico de Camilo, A. M. Pires de Cabral, fiel ao árido transmontano, às suas gentes, costumes, crendices e a linguagem castiça, assim como animador cultural, devendo-se a ele o interesse por Camilo em jornadas realizadas com saber e sabor em Vila Real, precedendo os encontros e os colóquios do ano do centenário de 1990. Citamos o Congresso Internacional de Estudos Camilianos que sob a batuta de Aníbal Pinto de Castro reuniu uma série de estudiosos camilianos de proveniência vária, não deixando nada por dizer sobre Camilo, esquecido ou considerado. As intervenções foram publicadas num livro de actas (1993), assim como duas antologias também foram publicadas, as “Evocações” e “Juízos” sobre Camilo, editadas pela comissão do centenário, tiveram a sorte de serem quase edições clandestinas, porque não chegaram ao conhecimento do grande público.



O género em que Camilo não tem quase paralelo entre nós é a epistolografia, tanto pela sua dimensão, como pelo seu carácter estritamente pessoal. A correspondência de Camilo tem estado à mercê de edições avulsas e nem sempre [cuidadas]. A tentativa de publicação e exaustivamente anotada por Alexandre Cabral, ficou truncada: dos 20 volumes previstos, vieram a lume 6! Depois desse beneditino trabalho, não houve quem desse trabalho ao perseverante e erudito camilianista, que também metiera ombros ao planeamento e redacção do “Dicionário de Camilo Castelo Branco”, obra de consulta indispensável. Das obras completas em papel bíblia, editadas pela Lello & Irmão (1982-2002), sob a direcção do prof. Justino Mendes de Almeida, o último é dedicado à epistolografia, alguma dela pela primeira vez vinda a público. Em colóquio camiliano promovido pela Academia de Ciências de Lisboa (1993), outro ilustrado académico declararia que “quem estudou milhares de cartas, considera essa a parte mais interessante da sua obra.” Cartas escritas ao correr da pena, quando não a lápis, em

qualquer papel à mão, mostra o pouco cuidado quanto ao seu destino. Não são cartas, as de Camilo, de refinado labor literário, como as de Eça, já com olhos postos na posteridade, nem como as de Antero ou as de Manuel Laranjeiras, a grande dispersão de um pensamento. As de Camilo são muitas vezes pragmáticas, como as de um homem isolado na aldeia, tendo que recorrer a amigos citadinos para encomendarem uma camisa ou um colete, uma caixa de charutos, papel de escrita, algum livro antigo de um alfarrabista, uma obra de consulta para um trabalho entre mãos, ou uma novidade literária, talvez um livro em francês ou uma tradução francesa para Ana Plácido. Mas sem fazer literatura, a prosa e o verbo de Camilo dão a esses assuntos domésticos não sei que inesperada graça. Em quase toda a correspondência houve-se um queixume de tantos males físicos e espirituais, o temor da cegueira e da loucura, todo o cenário do homem crucificado. Então em cartas não premeditadas, essa conjunção de lágrimas e riso, encontra terreno propício a confissões simultaneamente dramáticas e jocosas. Nenhuma correspondência vale, a meu ver, aquela que acaba de ser publicada com o amigo Visconde de Ouguela, de quem Camilo foi amigo e biógrafo. Confessa o nosso autor, que não é da política, mas do conhecimento dos homens e da lição da história que extrai algum proveito. Camilo excede-se a si mesmo nessas cartas, fazendo lembrar um título seu, “Coisas Espantosas”. [Quando nos fala] da maledicência, passa para o riso tresloucado. Numa carta a Ouguela, chega a dizer insolitamente que o escárnio é como um maná divino a cair do céu, inspirando-lhe páginas que fazem rir os leitores, granjeando-lhe a reputação de folgazão. Na polémica com Alexandre da Conceição, diz mesmo que a polémica foi uma tolice, mas distraiu-o algumas horas que o impacientavam.

Para sabermos o que é a “literatura quando está em boas mãos”, Bigotte Chorão evoca o romance “O Que Fazem Mulheres”, “livro de uma extraordinária modernidade, dando-nos o exemplo de desconstrução de uma novela”. Possivelmente, Bigotte Chorão estava a lembrar-se do capítulo que se chama “Suplemento” que se intitula “Prefácio”.